Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica

(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

AUTORREPRESENTAÇÃO E DIVERSIDADE DOS TONS DE PELE: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID DE ARTES VISUAIS NA CONSTRUÇÃO DO AUTORRECONHECIMENTO

ELF-REPRESENTATION AND DIVERSITY OF SKIN TONES: AN EXPERIENCE OF THE PIBID VISUAL ARTS PROGRAM IN FOSTERING SELF-RECOGNITION

Vitor Emilio Nunes José, Wanessa Oliveira Morgado, Carla Bazilio de Souza, Raphaela dos Santos Gonçalves, Carolina Rodrigues Lincoln-de-Carvalho, Gerson Aparecido Cordeiro da Silva

Licenciandos em Artes Visuais – Universidade Santa Cecília – UNISANTA. E-mail para contato: gersoncordeiro@unisanta.br

RESUMO- Este artigo apresenta e analisa uma experiência pedagógica desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Santa Cecília, com estudantes do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Olavo Bilac. A proposta teve como objetivo trabalhar a percepção do próprio corpo, a diversidade dos tons de pele e a representação de si por meio das Artes Visuais. Inicialmente, foi apresentada aos estudantes uma paleta composta por 12 diferentes tons de pele, possibilitando a observação e a comparação entre as tonalidades. Em seguida, cada estudante realizou um autorretrato, selecionando o tom que considerava mais próximo de sua própria pele. Após a produção artística, foi realizada uma roda de conversa sobre as diferentes tonalidades observadas na turma. A experiência permitiu discutir representação, diversidade, identidade e pertencimento de maneira adequada à faixa etária dos participantes. A análise da atividade evidencia o potencial do ensino de Artes para promover o reconhecimento da diversidade corporal e questionar padrões únicos de representação. Conclui-se que práticas de autorrepresentação podem contribuir para uma educação antirracista ao ampliar as possibilidades de reconhecimento e valorização dos diferentes corpos presentes no espaço escolar.

Palavras-chave: autorrepresentação; identidade negra; diversidade; ensino de Artes; educação antirracista.

ABSTRACT- This article presents and analyzes a pedagogical experience developed by the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID) within the Visual

ISSN 2317-1316

Arts Licensure Program at Santa Cecília University, involving students from the 1st to the 5th grade of Elementary School at Olavo Bilac Municipal School. The activity aimed to work on students' perception of their own bodies, the diversity of skin tones, and self-representation through Visual Arts. Initially, students were presented with a palette containing 12 different skin tones, allowing them to observe and compare the variations. Subsequently, each student produced a self-portrait, selecting the tone they considered closest to their own skin. After the artistic production, a discussion circle was held to reflect on the different skin tones observed within the group. The experience provided opportunities to discuss representation, diversity, identity, and belonging in an age-appropriate manner. The analysis demonstrates the potential of Arts education to promote recognition of bodily diversity and to question standardized forms of representation. It is concluded that self-representation practices can contribute to anti-racist education by expanding possibilities for recognizing and valuing the different bodies present in the school environment.

Keywords: self-representation; Black identity; diversity; Arts education; anti-racist education.

1. INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço fundamental para a construção de identidades, relações sociais e formas de representação. Nesse contexto, o ensino de Arte pode desempenhar papel significativo na maneira como crianças percebem, representam e atribuem sentidos aos próprios corpos e aos corpos das pessoas que as cercam. A Arte possibilita que a criança desenvolva formas próprias de representação e expressão e, nesse processo, o autorretrato ultrapassa a simples reprodução de um rosto, envolvendo escolhas sobre como cada estudante deseja representar a si mesmo.

A identidade, conforme Hall (2006), constitui-se como um processo permanente de construção, marcado pelas relações sociais e culturais. Essa perspectiva é especialmente relevante na infância, período em que as crianças constroem referências sobre seus corpos, suas características e os diferentes sujeitos presentes em seu cotidiano. A escola, portanto, pode contribuir positivamente para esse processo ao apresentar diferentes possibilidades de representação e valorizar a diversidade existente no espaço escolar.

ISSN 2317-1316

Entretanto, quando determinados corpos são pouco representados ou quando uma única tonalidade de pele é apresentada como referência, pode ocorrer o apagamento da diversidade. A expressão "cor de pele", por exemplo, muitas vezes é utilizada para indicar apenas uma tonalidade específica, geralmente associada à pele branca. Essa compreensão restrita pode fazer com que crianças negras ou com outras tonalidades de pele não encontrem, nos materiais e nas práticas escolares, referências que correspondam às suas próprias características.

Gomes (2003) destaca a importância do corpo na construção da identidade negra, evidenciando que as experiências relacionadas às características corporais podem ser atravessadas por processos de valorização ou desvalorização. Nesse sentido, discutir a representação do corpo no ensino de Arte significa também possibilitar que as crianças reconheçam suas características como legítimas e valorizadas.

Foi a partir dessa perspectiva que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Santa Cecília (UNISANTA), desenvolveu uma experiência pedagógica com estudantes do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Olavo Bilac. A proposta teve como foco a percepção do próprio corpo, a diversidade dos tons de pele e a autorrepresentação por meio das Artes Visuais.

Inicialmente, foi apresentada aos estudantes uma paleta composta por 12 diferentes tons de pele, possibilitando a observação e a comparação entre as tonalidades. A proposta buscou problematizar a ideia de que existe apenas uma "cor de pele", permitindo que as crianças percebessem visualmente a diversidade presente entre os próprios colegas.

Na sequência, cada estudante foi convidado a realizar um autorretrato, escolhendo, entre os diferentes tons apresentados, aquele que considerava mais próximo de sua própria aparência. Dessa forma, a escolha da cor deixou de ser apenas uma decisão

ISSN 2317-1316

técnica relacionada à pintura e passou a constituir uma possibilidade de reflexão sobre a própria representação.

A proposta dialoga com a concepção de ensino de Arte apresentada por Barbosa (2010), especialmente pela articulação entre observação, leitura, contextualização e produção artística. As crianças observaram diferentes tonalidades, realizaram comparações, fizeram escolhas, produziram seus autorretratos e, posteriormente, participaram de uma roda de conversa sobre as diferenças observadas na turma. A experiência artística, portanto, ultrapassou o caráter de uma simples atividade de pintura, transformando-se em oportunidade de diálogo e reflexão.

É importante destacar que a atividade não teve como finalidade classificar racialmente os estudantes ou determinar sua identidade étnico-racial. O propósito foi possibilitar que cada criança percebesse que seu corpo possui características próprias e que existem diferentes formas legítimas de representação. Ao reconhecer diferentes tonalidades de pele e utilizá-las em suas produções, os estudantes puderam ampliar suas referências visuais e compreender a diversidade corporal presente no próprio ambiente escolar.

Nesse sentido, o ensino de Arte pode contribuir para uma educação que valorize a diversidade e enfrente processos de apagamento e estereotipação. A experiência desenvolvida pelo PIBID demonstra que uma prática aparentemente simples, como apresentar diferentes tons de pele e propor a realização de um autorretrato, pode abrir espaço para discussões sobre identidade, representação, pertencimento e valorização dos diferentes corpos.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Olavo Bilac, discutindo como a autorrepresentação por meio das Artes Visuais pode contribuir para o reconhecimento da diversidade dos tons de pele e para a construção de práticas educativas antirracistas.

ISSN 2317-1316

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A experiência foi desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Santa Cecília (UNISANTA), na Escola Municipal Olavo Bilac, envolvendo estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A atividade foi organizada em três momentos principais: apresentação da paleta de tons de pele, produção de autorretratos e roda de conversa.

Inicialmente, foi apresentada aos estudantes uma paleta composta por 12 diferentes tons de pele. Os alunos foram convidados a observar as tonalidades e perceber as diferenças existentes entre elas. Nesse momento, foram realizadas comparações individuais, permitindo que cada criança identificasse visualmente a tonalidade que considerava mais próxima de sua própria pele. A proposta buscou ampliar as possibilidades de representação e problematizar a utilização de uma única tonalidade como referência para a expressão “cor de pele”.

Após a observação da paleta, os estudantes foram convidados a produzir seus próprios desenhos. Cada criança realizou um autorretrato, utilizando o tom de pele que considerava mais próximo de sua aparência. A atividade foi conduzida de maneira aberta, sem estabelecer uma resposta correta ou determinar previamente qual cor deveria ser utilizada. A escolha da tonalidade ficou a cargo de cada estudante, respeitando sua percepção e sua forma de se representar.

A produção dos autorretratos possibilitou observar como as crianças se percebiam e como realizavam escolhas relacionadas à representação do próprio corpo por meio da linguagem visual. A atividade também permitiu ampliar a compreensão dos estudantes sobre a diversidade de características corporais existentes no grupo, utilizando a produção artística como instrumento de expressão e autorrepresentação.

ISSN 2317-1316

Após a produção dos autorretratos, foi realizada uma roda de conversa com os estudantes. Os trabalhos produzidos foram observados coletivamente, permitindo discutir a variedade de tons de pele presentes na turma. Esse momento possibilitou que os estudantes percebessem diferenças e semelhanças entre suas representações, favorecendo o diálogo sobre diversidade, identidade, corpo e autorrepresentação.

A análise da experiência foi realizada a partir da observação participante, considerando as escolhas realizadas pelos estudantes durante a atividade, os autorretratos produzidos e as manifestações apresentadas durante a roda de conversa. A proposta não teve como finalidade classificar racialmente os participantes, mas possibilitar que cada criança reconhecesse e representasse suas características corporais, compreendendo a existência de diferentes formas legítimas de representação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência permitiu observar que a utilização de uma paleta diversificada ampliou as possibilidades de representação dos estudantes. Ao apresentar 12 tonalidades, a atividade rompeu com a ideia de que existe apenas uma cor que possa ser chamada de “cor de pele”. A comparação individual possibilitou que cada estudante observasse seu próprio corpo e realizasse uma escolha para a produção do autorretrato. Esse momento apresentou especial importância porque deslocou a definição da cor do professor ou do material didático para a percepção do próprio estudante. A criança passou a ser sujeito da escolha.

A atividade também possibilitou observar a diversidade existente entre os próprios colegas. Na roda de conversa, os estudantes puderam perceber que, embora pertencessem à mesma turma, apresentavam diferentes tonalidades de pele. Esse processo contribuiu para transformar a diferença em objeto de observação e diálogo, e não em motivo de

ISSN 2317-1316

hierarquização. A experiência também demonstrou que atividades aparentemente simples podem abrir discussões relevantes sobre representação.

Ao trabalhar com autorretratos, a Arte possibilita que a criança produza uma imagem de si mesma. Essa produção pode ser compreendida como uma forma inicial de autorrepresentação. Não se pretende afirmar que a escolha de uma tonalidade de pele determine a identidade racial de uma criança. A experiência não realizou autodeclaração racial formal nem classificação étnico-racial. O que se observou foi um processo de autopercepção e representação corporal, que pode constituir uma etapa importante para discussões posteriores sobre identidade, diversidade e pertencimento.

4. CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida pelo PIBID de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Santa Cecília (UNISANTA), na Escola Municipal Olavo Bilac, demonstrou que a utilização de uma paleta com 12 tons de pele, associada à produção de autorretratos e à roda de conversa, contribuiu para ampliar a percepção dos estudantes sobre a diversidade corporal e as diferentes possibilidades de representação. A atividade atingiu o objetivo de estimular a autopercepção, o reconhecimento do próprio corpo e a valorização da diversidade, constituindo uma prática de educação antirracista adequada aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para os licenciandos, a experiência também contribuiu para a formação docente, aproximando teoria e prática no ensino de Artes. Agradecemos à Universidade Santa Cecília (UNISANTA), ao PIBID, à Escola Municipal Olavo Bilac, aos estudantes, professores e demais profissionais envolvidos pela colaboração e pelo desenvolvimento da atividade. Como perspectiva para trabalhos futuros, pretende-se ampliar as práticas de autorrepresentação e investigar seus impactos na percepção de identidade, pertencimento e diversidade ao longo do processo escolar.

ISSN 2317-1316

5. DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Para a elaboração deste trabalho, foi utilizada a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT, da OpenAI, como recurso de apoio à organização, revisão linguística, adequação textual e tradução do resumo para o idioma inglês. A ferramenta não foi utilizada para substituir a autoria, a análise dos dados, a elaboração dos resultados ou as interpretações apresentadas no artigo. Os autores são integralmente responsáveis pelo conteúdo, pelas informações, pelas análises, pelas referências e pelas conclusões deste trabalho.

6. AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), edição 2024-2026.

À Secretaria de Educação (SEDUC) da Prefeitura Municipal de Santos, pela parceria estabelecida com as escolas municipais.

À Universidade Santa Cecília (UNISANTA), pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília, DF, 2004.

ISSN 2317-1316

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2019.